

## A AGRESSIVIDADE NA INFÂNCIA: UM ESTUDO SOBRE SUAS CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS

Sandra Luciane França<sup>1</sup>  
Solange Franci Raimundo Yaegashi<sup>2</sup>

**RESUMO:** O presente estudo teve por objetivo pesquisar os fatores que levam as crianças a serem agressivas, comportamento este que incomoda, na maioria das vezes, pais, professores e a sociedade de um modo em geral. Num primeiro momento, foi realizado um estudo sobre o desenvolvimento infantil, enfocando-se o período pré-escolar. Além disso, buscou-se estudar a agressividade, questionando-se que fatores ou atitudes dos pais colaboram concorrem para que a criança desenvolva esse tipo de distúrbio da sociabilidade. A realização desta pesquisa justifica-se pelo fato de que a agressividade excessiva causa conseqüências ruins para a formação do caráter dessas crianças, prejudicando sua interação social e, em alguns casos, sua aprendizagem. Concluiu-se que os pais, de maneira consciente ou inconsciente, acabam “colaborando” para que essa agressividade se desenvolva, já que têm dificuldades de impor limites e medo de frustrar ou traumatizar os filhos. Assim, quando os pais não conseguem, por algum motivo, disciplinar corretamente seus filhos, estes podem extravasar essa agressividade e passar a ter condutas anti-sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** pais;, agressividade;, infância.

### AGGRESSIVENESS IN CHILDHOOD: A STUDY ABOUT ITS CAUSES AND CONSEQUENCES

**ABSTRACT:** The present study aimed at research the factors that lead children to be aggressive, a behavior that, in great part, annoys parents, teachers and society in general. In the first moment, a study on children development was carried out with a focus on pre-school period. In addition to that, an attempt at studying aggressiveness was undertaken, questioning what factors and parents attitudes that may concur so that the child develops this type of sociability disturbance. This study is justified by the fact that excessive aggressiveness brings negative consequences to character formation these children, impairing their social interaction and, in some cases, their learning. It has been concluded that parents, consciously or subconsciously, end up “collaborating” to the development of aggressiveness, since they have problems to impose limits and are afraid to disappoint or traumatize their children. Thus, when parents cannot, for some reason, discipline their children adequately, the children may let their aggressiveness to emerge and have anti-social behavior.

**KEYWORDS:** parents; aggressiveness; childhood.

### INTRODUÇÃO

Segundo Grünspun (1981), a agressividade, que é um distúrbio da sociabilidade, tem sido motivo de preocupação para pais, professores e interessados no desenvolvimento da criança.

A questão da agressividade infantil tem sido discutida de diferentes formas e com pontos de vistas bastante diferentesvariados, por

vários profissionais. Nessa perspectiva questiona-se: aAté onde uma criança precisa da agressividade para se desenvolver? De que maneira os pais acabam “colaborando” para que as crianças desenvolvam condutas agressivas?

Sobre essa problemática, Marcelli (1998) nos traz dois aspectos da agressividade. Por um lado, esta pode surgir como uma conduta simplesmente objetiva, e por outro, como uma intenção particular

<sup>1</sup> Discente do curso de Psicologia - PROBIC

<sup>2</sup> Orientadora. Docente do curso de Psicologia do CESUMAR e do Mestrado em Educação da UEM

da criança. De acordo com este autor, estudos mostraram que a agressividade é conectada ou a uma expressão emocional (reação de raiva) ou a uma conduta de ataque.

Desde bebês as crianças já se manifestam com ou sem prazer frente a situações impostas. Por volta dos dois anos a criança pode ter reações mais ou menos agressivas, como, por exemplo, demandar, reclamar, exigir, bater os pés, gritar, entre outras.

Mais ou menos por volta dos dois ou três anos essa agressividade pode se manifestar através de ataques aos pais, amigos, irmãos, professores, etc., e podendo provocar comportamentos tais como arranhar, puxar os cabelos, morder crianças da sua idade, entre outros.

A partir dos quatro anos, a criança passa a expressar sua agressividade verbalmente, usando menos os gestos. Nessa fase, os meninos adotam mais seguidamente atitudes agressivas do que as meninas.

Não obstante, Marcelli (1998) relata que geralmente as condutas agressivas desaparecem ao longo dos anos, mas podem existir casos de crianças que continuam se mostrando agressivas, batendo em seus colegas e até mesmo em adultos ou em seus pais, e quebrando os próprios objetos ou os dos outros.

Essas crianças geralmente comandam toda a família, são impulsivas, violentas e têm reações de raiva, podendo até...” usar os outros, sobretudo seus pais, como simples instrumento à sua disposição: não toleram nenhuma demora na satisfação de seu pedido” (Marcelli, 1998, p. 158).

A situação vai piorando na medida em que os adultos se sentem fracos e incapazes de impor um limite à criança, deixando-a à vontade para muitas vezes não a frustrar. Como consequência, “Essa intolerância à frustração extravasa o estrito contexto familiar e estende-se às relações socializadas da criança” (Marcelli, 1998, p. 159).

Para Oaklander (1980, p. 231), “contrariamente ao mito popular, a infância é uma época difícil”.

Segundo o mesmo autor, existem vários comportamentos apresentados pelas crianças que podem levá-las à terapia. Contudo, isso não quer dizer que a infância seja ruim para todas as crianças o tempo todo, mas sim, que uma infância feliz, segura, protegida e inocente não existe para muitas crianças. Não há, no entanto, maneira gradual, sensível, indolor de crescer e deixar a infância para trás.

“Vejo muitas crianças que adotam medidas extremas para sobreviver da melhor forma possível na “prisão” da infância. Elas parecem

estar fazendo tudo que podem para se agüentarem até atingir o estado mágico da idade adulta (...)” (Oaklander, 1980, p. 232).

Dessa forma, podemos perceber que na maioria das vezes os pais acabam “colaborando”, de uma maneira ou de outra, para que a criança desenvolva condutas agressivas ou anti-sociais, já que dão muita liberdade ou não sabem corrigir e disciplinar os filhos, perdendo assim o controle sobre eles.

Uma vez que as crianças de hoje serão os adultos de amanhã, este trabalho justifica-se pela necessidade de serem desenvolvidas mais pesquisas na área de Psicologia para que se possa compreender melhor as razões da agressividade, a qual tem crescido com o passar dos anos, para combater e evitar a violência.

## I. A AGRESSIVIDADE INFANTIL

### 1.1 QUEM SÃO AS CRIANÇAS DITAS AGRESSIVAS?

Para Soifer (1992), as crianças ditas agressivas são aquelas que geralmente se destacam na creche, na escola, nas festas de aniversário, em reuniões familiares ou sociais, nos clubes, na rua, etc., apresentando comportamentos como: empurrar as outras crianças, atacar fisicamente, destruir os pertences de seus companheiros, criar situações ameaçadoras, preparar armadilhas e até mesmo criar grupos (gângues) para dirigir/manipular outras crianças.

Para Oaklander (1980), o ditado popular que diz que a criança é agressiva porque está “pondo para fora” é inadequado, já que crianças passivas, retraídas, subjugadas e até mesmo as catatônicas estão “pondo para fora” algo à sua maneira. Todas as pessoas colocam alguma coisa para fora de maneira única e particular.

Os adultos não gostam do comportamento de crianças que são extremamente inquietas, impulsivas, desobedientes, que falam alto, interrompem a aula com frequência, cutucam e provocam os outros. No entanto, esses comportamentos precisam ser vistos em perspectiva, já que ocorrem num sistema com um duplo padrão entre crianças e adultos. Assim se manifesta Oaklander, 1980 (p. 232-3), a respeito:

“Às vezes a criança é vista como agressiva quando está simplesmente manifestando raiva (...) Geralmente sinto que os atos agressivos não são a verdadeira expressão da raiva, mas desvios dos sentimentos reais”.

Os atos agressivos, geralmente chamados de anti-sociais, incluem na maioria das vezes comportamentos destrutivos. A criança agressiva provavelmente possui sentimentos profundos de ira, sentimentos de rejeição, insegurança e ansiedade, sentimentos de mágoa, um senso de identidade difuso e uma opinião muito pobre a respeito do que conhece do seu eu. Conseqüentemente essa criança:

“(...) tem medo de manifestar seus sentimentos; pois se o fizer poderá perder a força que reúne para se envolver nos comportamentos agressivos. Tal criança sente a necessidade de fazer o que faz como seu método de sobrevivência” (Oaklander, 1980, p. 233).

O processo para que uma criança se torne agressiva é gradual. Primeiro ela expressa suas necessidades de modos mais sutis, mas geralmente os adultos não prestam atenção enquanto ela não exagera seus comportamentos. Ao exagerar, “É como se estivesse fazendo a única coisa que sabe, no sentido de prosseguir na batalha de viver neste mundo” (Oaklander, 1980, p. 233).

Assim, pode-se dizer que na maioria das vezes esses comportamentos representam uma tentativa desesperada de estabelecer uma relação social.

## 1.2 AS RAÍZES DA AGRESSIVIDADE

A agressividade pode ter início antes do nascimento, não só nas evoluções do bebê por nascer mas também nos movimentos mais bruscos das pernas, que fazem a mãe dizer que sente o filho dando-lhe pontapés.

Para Marcelli (1998), desde a mais tenra idade a criança sabe manifestar seu desprazer. A criança pequena pode apresentar reações de raiva, com agitação violenta, bater de pés e gritos, quando não obtém o que quer. Mais ou menos entre dois a três anos a criança pode atacar, arranhar, puxar os cabelos e morder crianças de sua idade. Por volta dos quatro anos a criança expressa sua agressividade verbalmente, e com menos frequência através de gestos.

Para Winnicott (1982), a agressão tem dois significados: por um lado constitui, direta ou indiretamente, uma reação à frustração e, por outro lado, é uma das muitas fontes de energia de um indivíduo. A agressão pode mostrar-se claramente, precisando então a criança de alguém para enfrentá-la e fazer algo capaz de que impediça os danos que pode causar, ou pode não se mostrar abertamente, aparecendo os seus impulsos sob forma de um determinado tipo oposto.

Apesar de todos os indivíduos serem essencialmente semelhantes, Winnicott (1982, p. 263) afirma que “uma criança pode tender para a agressividade e outra dificilmente revelará o sintoma da agressividade, desde o princípio; todavia cada uma delas tem o mesmo problema (...): as duas crianças estão manobrando de forma diferente suas respectivas cargas de impulsos agressivos”.

A primeira criança é feliz por descobrir que a hostilidade manifestada é limitada e consumível, ao passo que a segunda jamais atinge um patamar satisfatório e fica sempre esperando sucessivas dificuldades. E, em alguns casos, as dificuldades realmente existem.

Segundo Winnicott (1982), algumas crianças tendem a ver os próprios impulsos agressivos controlados na agressão dos outros. Podemos contrastar a criança que é facilmente agressiva com outra que mantém a agressão dentro de si, ficando tensa, excessivamente controlada e séria.

A primeira se acha vinculada à irresponsabilidade infantil e a uma existência sem cuidados nem preocupações. Quanto à segunda, embora perca algo em termos de liberdade interior, pode-se afirmar que apresenta um benefício, na medida em que o autodomínio começou a desenvolver-se, aparecendo um certo respeito pelos outros e uma proteção pelo mundo. A criança sadia desenvolve de forma eficaz a capacidade para colocar-se na situação das outras pessoas e de se identificar com objetos externos e com as pessoas.

“A agressão faz parte integrante da vida da criança” (Winnicott, 1982, p. 269). No entanto, para Grünspun (1981) a agressividade é um distúrbio de conduta quando chega ao ponto de ocorrerem ataques, destruição e hostilidade.

Para Bronfenbrenner (*apud* Grünspun, 1981), a agressividade geralmente aparece nas famílias em que as atitudes são de superproteção compensatória, de rejeição ou de superautoridade.

“Quando as crianças sentem que não são capazes de dominar o grupo exteriorizam a agressividade em forma de verdadeiras crises, com ataques físicos diretos. Onde há superindulgência e as manifestações iniciais da agressividade não são disciplinadas, passa a haver agressividade excessiva no ambiente familiar” (Grünspun, 1981, p. 301).

Então, é preciso permitir que a criança expresse suas emoções, seus sentimentos, sejam eles bons ou maus, pois assim elas estarão elaborando seus conflitos e suas ansiedades.

### 1.3 O PROBLEMA DA AGRESSIVIDADE

Quando nos deparamos com uma criança muito agressiva, cujos comportamentos fogem totalmente do controle, na maioria das vezes as pessoas se sentem perdidas, desorientadas e confusas, e sem saber que atitude tomar. É comum pais, professores ou os profissionais que estão trabalhando com a criança se sentirem culpados pelo seu comportamento.

Train (1997, p. 12) afirma que “ se não tomarmos uma atitude, a criança poderá tentar nos ofender ainda mais e com isso sentimentos ainda mais frustrados”.

Segundo o autor, muitos pais e profissionais ficam em dúvida sobre se devem se preocupar ou não com o comportamento de uma criança, já que cada uma se desenvolve num ritmo diverso e em direção distinta. Existe sempre o pressuposto de que a criança vai sair da fase problemática naturalmente. No entanto, é preciso ser realista, e não deixar para enfrentar a questão quando for tarde demais. Os pais geralmente suspeitam que há algo errado com o filho, mas, em virtude de seu investimento pessoal na criança, temem, na maioria das vezes, que o comportamento apresentado seja visto como um reflexo deles mesmos. Assim, para a pessoa adulta, “Se a criança ameaça a imagem que ela tem de si mesma, seus mecanismos defensivos de fuga poderão entrar em ação” (Train, 1997, p. 29).

Para este autor, o problema se agrava mais ainda a partir do momento em que o adulto, na tentativa de evitar o estigma que acompanha o fato de se ter uma criança difícil, tenta se convencer de que a criança está apenas passando por uma fase ruim. Mas “Chega o dia inevitável em que o adulto não agüenta mais. Sentimentos de vergonha, impotência e rejeição são liberados com muita força” (Train, 1997, p. 31). Quando se perde o controle sobre a agressividade infantil pode haver em conseqüências, casamentos desfeitos, famílias divididas, carreiras interrompidas e um grande prejuízo no desenvolvimento da própria criança.

### 1.4 POSSÍVEIS CAUSAS LEVANTADAS

Para Train (1997), a questão da agressividade tem sido discutida por vários pesquisadores, os quais atribuem algumas possíveis causas para justificar tal comportamento:

- 1) Instintos: a criança altamente agressiva pode ser concebida como alguém que nasceu com um forte instinto agressivo como parte dominante de sua constituição;
- 2) comportamento: a criança é agressiva por causa de sua experiência de vida e de sua criação;

3) meio -ambiente: o caráter de uma pessoa é uma combinação de sua personalidade singular e de sua experiência de mundo. Há uma tendência inata para o amor e uma tendência para a destruição.

### 1.5 FATORES QUE PODEM INFLUENCIAR A CONDUTA AGRESSIVA

A agressividade infantil é algo que pode ocorrer tanto em classes menos favorecidas quanto nas mais favorecidas. As condutas agressivas podem ter início desde o período pré-escolar, quando avós, pais, entre outros, acham que as atitudes da criança são apenas “um excesso de energia” ou uma travessura própria na infância.

Para Ballone (2001), “a conduta agressiva entre os pré-escolares é influenciada por fatores individuais, familiares ou ambientais” (p.01).

No que se refere aos fatores individuais existe a questão do temperamento, do sexo, da condição biológica e da condição cognitiva. Já a família pode influenciar através do vínculo, das interações entre seus membros, da eventual psicopatologia ou do desajuste dos pais e do modelo educacional doméstico, o que é de extrema importância para o desenvolvimento da criança. Sobre os elementos ambientais pode-se dizer que a televisão, os *videogames*, a escola e a situação socioeconômica podem estar relacionados à conduta de agressividade.

No entanto Não obstante, não se pode afirmar que esses três fatores atinjam as famílias em uma mesma proporção. Isso vai depender da dinâmica familiar, de seus conceitos, do que a família considera importante ou não para o desenvolvimento, dos filhos, entre outros motivos.

Segundo Ballone (2001), “o que se sabe, estatisticamente, é que a agressividade manifestada em idade pré-escolar infelizmente evolui de forma negativa” (p. 01).

Contudo Por outro lado, a agressividade pode ser um sintoma que reflete uma conduta desadaptada, podendo então ser normal em certos períodos do desenvolvimento infantil.

De qualquer forma, Ballone (2001) afirma: “Hoje se acredita que a agressividade já pode aparecer em idades pré-escolares e, quando se manifesta, tende a continuar. Além disso, quando a agressividade é combinada com outras condutas problemáticas e desadaptadas e evolução será muito pior” (p.2).

Devem-se então considerar, segundo o autor, dois fatores que podem de manifestar na gênese da Agressão e da Violência: a pessoa e o meio.

Em relação à pessoa, pode-se dizer que os aspectos próprios da criança são basicamente o temperamento (e caráter), as

diferenças de sexo e as condições neurológico-cognitivas. Ballone (2001) nos dá para isso as seguintes definições:

1) Temperamento: geralmente as crianças agressivas costumam ter algum traço difícil na personalidade. São classificadas pelos adultos como tendo personalidade forte, comportamento genioso, temperamental, entre outros adjetivos.

“O temperamento, responsável pela maneira como a pessoa se relaciona com a realidade, pode ser entendido como uma espécie de moderador das relações interpessoais das crianças com seus cuidadores. Através desse conceito, as crianças com um temperamento mais ativo, intenso, iritável, têm maior probabilidade de reagir de forma inapropriada ou exagerada diante de pequenas dificuldades” (Ballone, 2001, p. 3).

2) Diferenças de sexo: os meninos sempre foram ditos “mais agressivos” que as meninas; no entanto, essa classificação está diminuindo, provavelmente devido às mudanças socioculturais.

“As eventuais diferenças de conduta entre os sexos emergem na idade escolar com o processo de socialização da criança. Os meninos, quem sabe por uma questão de maior imaturidade psicoemocional e fisiológica, estão menos preparados psicologicamente que as meninas para a socialização, vida em grupo, participação cooperativa e, por isso, costumam ter mais problemas de adaptação e orientação” (Ballone, 2002, p. 4-5).

3) Condições neurobiológicas: pesquisas procuram relacionar a atividade da enzima MonoAminaOxidase (MAO) plaquetária diminuída, com uma baixa capacidade de controle dos impulsos. Níveis baixos do neurotransmissor serotonina foram relacionados a comportamentos suicidas, piromaniacos, agressivos e cruéis. Na área dos transtornos explosivos e agressivos, pesquisas atuais têm sugerido que o aumento de serotonina pode moderar brilhantemente o caráter impulsivo e iritável nas pessoas agressivas.

“As estruturas límbicas e os lobos frontal e temporal são os centros onde se situam as áreas relacionadas à expressão da agressividade. Comparando-se a ativação frontal do hemisfério direito com o lobo frontal do hemisfério esquerdo, descobre-se que em meninas de 4 a 8 anos com Transtorno de Oposição na Infância (...) há uma maior atividade frontal direita, mas os meninos, também com Transtorno de Oposição na Infância, não mostraram essa assimetria. [Também não apresentam assimetria e nem predomina a atividade frontal esquerda as meninas sadias]. Os meninos sadios, por sua vez, têm uma maior atividade frontal direita. Alguns autores (...) sugerem que a testosterona no útero promove o crescimento do hemisfério direito em meninos, e que o estresse pré-natal materno poderia intervir neste padrão, fazendo que se desenvolva mais o hemisfério esquerdo que o direito em homens, favorecendo condutas agressivas (temperamento)” (Ballone, 2002, p. 4).

Essas observações sobre o córtex frontal servem, portanto, para refletirmos sobre alguns transtornos emocionais encontrados nas crianças, tais como a agressividade.

4) Condição cognitiva: crianças com problemas de conduta podem ter dificuldade na leitura e déficit nas habilidades verbais.

“ (...) algumas consciências relacionadas às representações mentais da memória e das experiências passadas podem ter implicações no controle (ou descontrole) da conduta agressiva. Uma criança que rememora eventos hostis, por exemplo, tenderia a reagir de maneira mais hostil, interpretar situações ambíguas ou neutras como se fossem ameaçantes e, por causa disso, responder de forma agressiva” (Salzer, Lairde e Dodge, 1999, apud Ballone, 2002, p. 4).

Segundo Ballone (2002), dentre os fatores capazes de que podem contribuir para que as crianças desenvolvam conduta agressiva precoce destacam-se os seguintes:

1. Mães pouco afetivas, o que pode constituir uma situação de risco, ao predispor seus filhos a desenvolverem condutas agressivas;
2. ocorrência de depressão materna antes do parto;
3. a psicopatologia materna;
4. família com um só dos pais presentes;
5. estressores familiares;
6. baixo nível econômico;
7. conflito matrimonial.

Quanto ao segundo fator (meio) responsável pela gênese da agressividade na criança, pode-se afirmar que a própria interação familiar (discórdias conjugais, pais com traços anti-sociais, doenças mentais na família...), assim como os ambientes sociais que a criança frequenta, tais como a escola (pode haver rejeição por parte dos colegas), a rua, os *shoppings*, entre outros, contribuem de maneira significativa para o surgimento desse transtorno de conduta

“Algumas crianças envolvidas em situações agressivas não aprenderam as habilidades sociais necessárias e desejáveis para relacionar-se com os demais, não são disciplinados para a consecução de objetivos e não aceitam críticas. Isso muitas vezes reflete um modelo de conduta aprendido no ambiente doméstico” (Ballone, 2002, p. 7).

Infelizmente, na maioria dos casos as mães são as grandes culpadas da agressividade infantil, quando, por exemplo, não dão deveres aos filhos, nem responsabilidades, nem limites. Ao superprotegerem os filhos, fazem com que estes se tornem pessoas sem nenhuma tolerância à frustração. “Talvez as mães confundam o papel materno com a permissividade extrema em busca da simpatia de seus filhos. Outras vezes pretendem, com essa absoluta falta de limites para seus filhos, serem tidas por moderninhas e joviais” (Ballone, 2002, p. 7).

Segundo Ballone (2002), geralmente mães de crianças agressivas tendem a atribuir mais hostilidades às condutas de seus filhos, qualificando negativamente traços de sua personalidade e ressaltando sua má conduta.

## 1.6 PSICOPATOLOGIA FAMILIAR DA AGRESSIVIDADE

Segundo Soifer (1992), a ação agressiva sustenta-se nos mecanismos esquizóides, assumindo a forma de identificação

maníaca com o perseguidor, enquanto as partes dissociadas do ego são identificadas projetivamente com o mundo externo.

A ação agressiva que a criança apresenta geralmente se manifesta por meio de crises de cólera, ataques físicos a outras pessoas ou até mesmo de características destrutivas. “A criança psicótica que tem o hábito de morder quem a rodeia, ou arrancar seus cabelos, ou desferir-lhe golpes, está traduzindo sua violência terrorífica de abandono por ruptura da simbiose e sua sensação de fragmentação e de desorganização social” (Soifer, 1992, p. 260).

Segundo Ballone (2002), a conduta agressiva em escolares pode estar relacionada à hostilidade da mãe, assim como à sintomatologia depressiva desta. Outros transtornos dos pais que podem se relacionar à questão da agressividade infantil, são o transtorno da personalidade anti-social, depressão maior e abuso de substâncias.

“Os filhos vivem a crença de ser o objeto exclusivo de amor incondicional dos pais. Nada se cobra deles, bastando sua existência para serem incondicionalmente amados e jamais reprimidos, em nome do psicologicamente correto, nunca censurados ou limitados, em nome de fictícios traumas futuros. Essa é a maneira mais eficaz de desenvolver neles um narcisismo ilimitado (...) esse excesso de proteção é, talvez, a maior causa do sentimento de abandono que essas crianças sofrerão quando terão de enfrentar o mundo real” (Ballone, 2002, p. 1).

Eis alguns processos que podem colaborar para o desenvolvimento de sintomatologia agressiva na criança, segundo Ballone (2002):

1. Hostilidade e competitividade: a hostilidade conjugal atua como um fator ambiental de estresse, incitando a criança a experimentar desequilíbrio emocional interno, insegurança e alto grau de incerteza.
2. Diferenças de interação entre os pais: quando um dos pais se distancia ou se exclui da vida da criança, o que causa um vazio familiar, trazendo conseqüentemente sentimentos de insegurança, ansiedade, tristeza (...), o que leva ao desenvolvimento da agressividade.
3. Harmonia familiar: é um fator de proteção e de segurança necessário ao desenvolvimento confortável da criança, favorecendo um desenvolvimento sadio de condutas sociais.
4. Apoio mútuo de ambos os pais: isto está relacionado à coesão familiar (independentemente de os pais serem separados

ou não), e é um elemento muito importante no bom desempenho de todos os itens anteriores.

Então, não se pode afirmar que exista uma única variável responsável pelo comportamento agressivo em pré-escolares, mas sim, uma combinação de fatores envolvidos no desenvolvimento infantil. Entre tais fatores estão o temperamento da própria criança, os problemas da relação mãe-filho, a questão da educação, condições socioeconômicas e o substrato biológico. O fato é que é necessário tratar a agressividade infantil antes que ela evolua.

### 1.7 AS NECESSIDADES DAS CRIANÇAS

Segundo Train (1997), existem algumas necessidades das crianças que, se não forem atendidas, podem resultar em comportamentos difíceis:

- 1) A necessidade de ter uma visão clara do mundo, de modo que a criança possa sentir que existem pessoas que sempre estarão presentes e que ela tem seu lugar frente a tudo que existe ao seu redor.
- 2) A necessidade de ter um objetivo na vida, ou seja, ter um nível de expectativa a alcançar, respeitando as regras impostas.
- 3) A necessidade de fazer parte das coisas, tendo assim um senso de ligação. Deve ser capaz de se perceber como parte de um todo, ter o sentimento de que é uma pessoa valorizada pelos outros, de que faz parte de uma rede de relacionamentos e pertence a um grupo.
- 4) A necessidade de estímulos, pois isso a ajudará a desenvolver sua linguagem, a capacidade de pensamentos abstratos e de desenvolvimento dos seus controles internos;
- 5) A necessidade de raízes, ou seja, ter um vínculo com sua mãe ou outra pessoa que lhe seja importante, para seu desenvolvimento futuro, a fim de que possa se tornar, assim, provavelmente uma pessoa independente, com vontades próprias, autonomia, autocontrole, etc.
- 6) A necessidade de amor, ou seja, uma aceitação incondicional, que é construída no processo de vinculação com a mãe e com outras pessoas.

Segundo Train (1997), existem três razões principais para a reação agressiva da criança: 1) quando esta sente que seus objetivos estão sendo frustrados; 2) quando alguém a critica ou critica seus amigos; e 3) quando ela sente que uma situação não é justa ou que alguém está sendo negligente ou descuidado. Cabe aos pais e profissionais que lidam com a criança agressiva refletirem sobre quais as possíveis causas de tais

comportamentos. E aos pais, de modo mais específico, cabe pensar sobre as situações que possam ter desencadeado ou que colaboraram para o surgimento do problema de seu filho, sem, no entanto, bloquear a verdade. É preciso ter em mente que não é possível acertar sempre com os filhos, e que existem muitas situações que fogem do nosso controle. O que os pais devem saber é que buscar ajuda de um profissional competente na área é uma boa oportunidade de evitar um grande problema no futuro.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da pesquisa bibliográfica realizada foi possível perceber, ao longo deste trabalho, que a agressividade é um comportamento que incomoda e preocupa as pessoas que convivem com a criança que apresenta tal comportamento. Também ficou evidente que os pais, de maneira consciente ou inconsciente, acabam “colaborando” para que essa agressividade se desenvolva. A agressividade já é manifestada em bebês, quando, por exemplo, sentem prazer ou desprazer frente a situações impostas. Conforme as crianças vão crescendo, este comportamento pode ou não desaparecer. Aqui é importante a intervenção de um adulto, que esteja atento às mudanças de comportamentos das crianças, sabendo impor limites ao invés de deixá-las à vontade, só para não frustrar ou “traumatizar”. Quando os pais não conseguem, por algum motivo, disciplinar corretamente seus filhos e perdem o controle, estes, podem extravasar essa agressividade e passar a ter também condutas anti-sociais. A questão que mais preocupa é o fato de que as crianças de hoje serão os jovens e adultos de amanhã. Então, para que haja menos violência, menos desestruturação familiar, menos comportamentos destrutivos, entre outros problemas, é preciso suprir as necessidades básicas das crianças, tais como: amor, segurança, atenção, compreensão, cuidados, carinho, estímulos, oferecendo-lhe um ambiente familiar propício, entre outras providências. Realizar este trabalho foi de grande valia, pois estas reflexões contribuíram imensamente para o enriquecimento pessoal, acadêmico e profissional, favorecendo um melhor entendimento das questões propostas bem como preparando para uma futura atuação, tanto no aspecto clínico, quanto no aspecto educacional e sistêmico. Espera-se que as idéias contidas neste trabalho possam ser discutidas e aprofundadas por profissionais e acadêmicos que se interessarem por neste aspecto do desenvolvimento infantil.

### REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BALLONE, G.J. **Violência e Agressão da criança do adolescente e do jovem**. Disponível em :<http://>

www.altavista.om.br. In: PsiqWeb, Psiquiatria geral, Internet, 2001  
– Acesso em 28/02/2003.

GRÜNSPUN, H. **Distúrbios neuróticos da criança**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Atheneu, 1981.

MARCELLI, D. **Manual de psicopatologia da infância de Ajuriaguerra**. 5. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.

OAKLANDER, V. **Descobrimo crianças: a abordagem gestáltica com crianças e adolescentes**. 11ª ed. São Paulo: Summus, 1980.

SOIFER, R. **Psiquiatria infantil operativa: psicologia evolutiva e psicopatologia**. 3ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

TRAIN, A. **Ajudando a criança agressiva: como lidar com crianças difíceis**. São Paulo: Papyrus, 1997.

WINNICOTT, D.W. **A criança e o seu mundo**. 6ª ed. Rio de Janeiro: JC, 1982.